

O Piauí na Confederação do Equador

A construção de sua
participação



O Piauí, a Confederação do Equador e a ação do barão da Parnaíba contra o movimento 1824

- O panorama político que se encontrara no território brasileiro, nos anos entre 1823 a 1825, foi marcado por momentos cruciais para a construção e consolidação do Estado imperial brasileiro. As elites locais se articulavam de maneiras díspares: algumas em torno do monarca e outras contra o projeto centralista iniciado em 1823.
- No entanto, os debates políticos em torno da consolidação do Estado foram iniciados antes da ruptura política, onde os projetos políticos antes e durante a independência do território foram sendo debatidos pelas elites políticas da província.

Um província abalada no pos guerra

- Após a independência a província se encontrava em estado de abandono, e em grande medida o estado ainda estava passando por um processo de reorganização, com o estado paulatinamente ocupando os espaços necessários ao funcionamento do governo.
- Havia duas forças bem definidas na província detentoras de dois projetos políticos dispares, e que se traduzia na importância estratégica que a província do Piauí despertará sobre Portugal, que ainda negociava a possibilidade de cessão do Norte do império no congresso.



Composição da força Politico militar no Piauí frente a frente

- Cel. Simplício Dias da Silva
- Brig. Manoel de Sousa Martins



A confederação do Equador como resposta ao autoritarismo do Imperador

- A Confederação do Equador fora um dos movimentos cujos idealizadores discordavam das premissas do Imperador, ou melhor, a partir de que base o Estado estava se consolidando, causando desavença entre alguns membros elitistas do Norte, adeptos do ideal republicano da Confederação, e as elites em torno do monarca, no Sul.
- Mesmo dentro das províncias que apoiaram o movimento o pensamento dos potentados locais não era igual.

- No Piauí, Simplício Dias da Silva e João Cândido de Deus e Silva influentes políticos da vila da Parnaíba, foram os primeiros a aderir a causa da independência ainda em 1822, em 1824 apoiavam a Confederação do Equador e suas ideias.
- O então presidente temporário da Junta de Governo, Manuel de Sousa Martins que “ao lado” dos parnaibanos lutara pela adesão do Piauí a independência do Brasil, acatava as ordens vindas do governo central no Rio de Janeiro e combatera as ideias vindas de Pernambuco.
- Nesse contexto, percebemos que dentro das provinciais havia divergências entre grupos locais que buscavam uma participação maior nas decisões administrativas do recém império e aqueles que apoiava o governo centralizador do imperador, comprovado pelo poder moderador na Carta Constitucional de 1824.

A ELITE COMERCIAL, POLÍTICA E INTELECTUAL NA VILA DE PARNAIBA

- Simplicio Dias da Silva
- Leonardo Castelo Branco
- João Cândido de Deus e Silva
- Capitão Miranda Osorio



- De Pernambuco Manoel de Carvalho Paes de Andrade convites às demais províncias do norte e nordeste do Brasil para que se unissem a Pernambuco e formassem a Confederação do Equador. Em tese, o novo Estado republicano seria formado, além de Pernambuco, pelas províncias do Piauí, Ceará, Rio Grande do Norte, Paraíba, Sergipe e Alagoas. Contudo, nenhuma delas aderiu à revolta separatista.
- No Piauí esse convite chega pelo Ceará, cuja a liderança de Tristão Gonçalves de Alencar, Pessoa Anta, Barbara de Alencar e José Pereira Filgueiras, Padre Mororo se destacam
- A Resposta no Piauí pode ser observado com a atuação do futuro Barão da Parnaíba, Manuel de Sousa Martins era contra os ideais dos confederados. Fiel as ideias do monarca, o então presidente da Junta de Governo provisória perdurou à frente do governo local por cerca de 20 anos, contando sempre com a ajuda do grupo familiar ao qual era articulado.

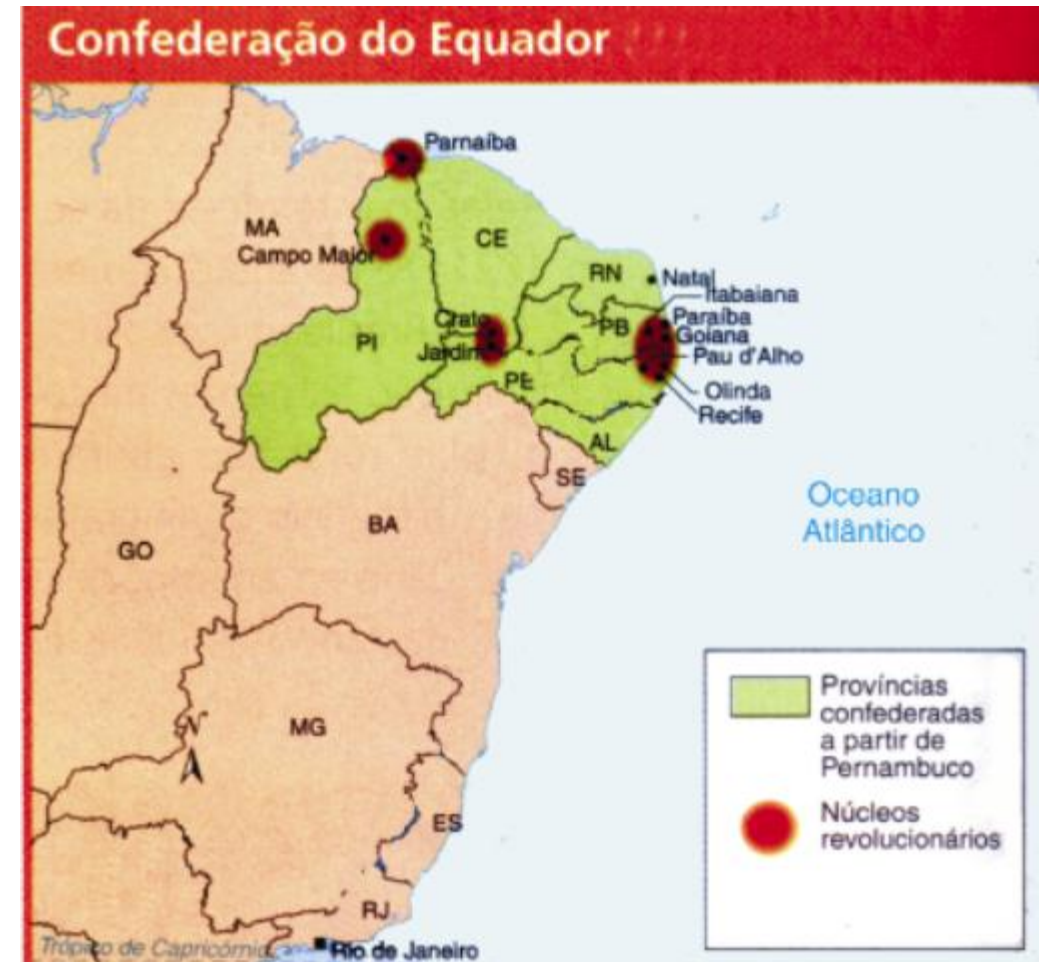
O Caminho para a sedição

- A revolta por parte de alguns membros das elites locais, sobretudo aqueles adeptos da Confederação do Equador, descontentes em diversas províncias do Norte, se deu pelo fato da falta de participação na administração do novo Estado Imperial em formação.
- E esse fator passou pelos debates em torno dos projetos que foram pensados para o Brasil independente.



Um espectro da Confederação

- Os projetos políticos para o Brasil giravam em torno de uma elite pensante. Como observa Dolhnikoff (2003), “à medida que construía o Estado essa classe senhorial constituía-se como elite dirigente”.
- Contudo a situação dispare da província do Piauí diante da indefinição de sua governança. Acabou abrindo espaço para a possibilidade de sedição a partir do norte, e novamente as vilas do norte do Piauí, as mesmas que nos meses antes haviam se sublevado contra os portugueses iriam mais uma vez liderar um movimento contrario agora ao Rio de Janeiro.



A adesão do Piauí ao movimento

- Na vila de Parnaíba, o Juiz João Candido de Deus avalizou o apoio a confederação, e muito por conta do apoio que recebeu de Simplicio Dias de Silva e de Leonardo Castelo Branco.



- Foi realizada uma proclamação solene pela Câmara Municipal deu-se a 25 de agosto do mesmo ano sob a presidência do Dr. João Cândido de Deus e Silva, e a participação efetiva do tenente-coronel Domingos Dias da Silva Henrique, major Bernardo Saraiva de Carvalho, comandante do corpo de milícia da vila, major José Francisco de Miranda Osório, João Rodrigues Falcão, Veridiano Sousa, José Ferreira Meireles, José de Sales, João Cardoso Batista, Pe. Francisco de Paula Barros e outros insurretos.



Campo Maior como foco irradiador para a província

- Insuflados por essa vila, também a Câmara Municipal da vila de Campo Maior aderiu à mesma revolução a 8 de setembro seguinte. E que haviam marcado essa data para jurarem a Constituição outorgada pelo Imperador.
- Porém, orientados pelos insurretos da Parnaíba, ao se reuniram nessa data, ao invés de jurarem a Constituição como pretendiam, também aderiram ao movimento seccionando o norte da província em franca adesão ao regime pernambucano.
- Uma figura importantíssima no processo de adesão ao movimento foi Leonardo Castelo Branco. Graças as conclamações feitas por ele nas vilas do norte do Piauí.



- Oeiras, sob o comando do presidente da Província, Manoel de Sousa Martins, agia com dubiedade, fazendo vista grossa aos insurretos do norte e se comunicando permanentemente com a imperial Bahia, em busca de notícias esclarecedoras.
- O velho político queria bem decidir e conservar seu poder, pragmaticamente deduziu que o movimento iria fracassar.
- E ao saber pela Bahia que Pernambuco caíra, fato que desconheciam as duas vilas do norte porque se comunicavam apenas com os revolucionários cearenses se decidiu pelo partido do Imperador.

- A resposta de Manoel de Sousa Martins, primeiro foi garantir que os emissários facciosos do Ceará não encontrariam espaço na Província e que ele pessoalmente havia incumbido todas as forças a ele disponibilizadas o intento de sufocar o movimento aqui no Piauí.
- E diante da frustração do movimento nas outras províncias, em 28 de outubro e 7 de novembro, respectivamente, as vilas de Parnaíba e Campo Maior abdicaram de suas anteriores proclamações e juraram a Constituição do Império do Brasil outorgada por D. Pedro I.

A grande lição

- Esta ressoaria na insatisfação com os desígnios do estado imperial, legando a gerações futuras que não iriam tolerar desmandos
- Muito embora as figuras chave do movimento tenham sido poupadas de uma justiça violenta, em parte pela amizade privada por antigos companheiros.
- O destino reservou novamente caminhos diferentes
- Leonardo Castelo Branco seguiu para o Maranhão e depois para a Europa, para somente voltar nos 50 do XIX.
- Simplicio Dias se autoexilou, saindo da vida política
- João de Deus, foi transferido para o Rio de Janeiro se tornando figura proeminente na política da Corte.
- Manoel de Sousa Martins triunfaria como fiel representante da centralização conservadora, governando o Piauí por longos 20 anos. Mas deixou o poder alijado como um político autoritário mas que não conseguiu conter outro movimento popular, a Balaiada, mas essa é outra história.
- Por fim o Piauí se tornou morada de uma guerreira que havia sofrido muito, dona Barbara de Alencar proprietária de uma fazenda em Fronteiras, Província do Piauí, e essa é uma história que ainda precisa ser contada.